



VAMOS DANÇAR ESTA CIRANDA PARA ALEGRAR O CORAÇÃO?

Byanca Teles da Silva¹ (UEG)
Izabella Cintra Alencar² (UEG)
Lindalva Pessoni Santos³ (UEG)

SESSÃO DE PÔSTER

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência de um Projeto de Intervenção intitulado de *Cirandas de Alegrias*, elaborado e desenvolvido no Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil I e II, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Este teve como objetivo geral ampliar o universo de percepção e experimentação das crianças por meio das Cirandas de roda, brincadeiras antigas e interações entre as crianças-crianças e crianças-adultos; objetivou também proporcionar autonomia e o resgate da cultura brasileira por meio da arte/educação em suas diversas linguagens. O projeto foi desenvolvido com crianças de um agrupamento da pré-escola I, em um CMEI municipal, na cidade de Inhumas. Este projeto é fruto de observações, estudos e análise crítica sobre o papel das brincadeiras no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Para dar suporte teórico a este Relato nos apoiamos em Borba (2009), Moura (2009), Mosca (2009), Sleiman (2016), dentre outros. A escolha do tema do Projeto de Intervenção se deu em virtude de duas experiências: a oportunidade de vivenciarmos uma oficina denominada de *Ciranda de quintais*, oferecida na *Escola Casa Verde* que retratava as brincadeiras de quintais e as cirandas e a outra foi atender os interesses e necessidades das crianças do agrupamento no qual ficamos responsável no estágio. A motivação principal da Oficina e do Projeto foi conscientizar que as crianças têm o direito de terem e viverem a infância em sua plenitude por meio de brincadeiras compartilhadas nas interações. Esperamos que este Relato sensibilize educadores e pais sobre a importância do resgate da cultura, das brincadeiras dos quintais vividas no passado; este resgate é uma forma de proporcionar um encontro de almas, de significados, de conhecimentos, de mãos, de amor, de respeito para com as crianças e adultos, uma vez que ambos aprendemos simultaneamente ao longo deste período.

Palavras-chave: Cirandas. Cultura Popular. Projeto de Intervenção.

¹ Acadêmica do Sétimo Período do Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. Email: byancateless@gmail.com.

² Acadêmica do Sétimo Período do Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. Email: izabellacintr@gmail.com.

³ Professora de Atividade de Orientação e Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. Email: lindalpessoni@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência de um Projeto de Intervenção intitulado de *Cirandas de Alegrias*, elaborado e desenvolvido no Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil I e II, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas, no ano de 2017. A realização deste projeto se deu em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), Hortência Moreira de Paula “Vó Fia”, com uma turma da pré-escola II.

O presente texto traz para discussão a descrição e análise do desenvolvimento do Projeto de intervenção intitulado “*Cirandas de Alegria*”, levando em consideração a compreensão sobre a infância, a criança e a educação infantil, a importância do estágio para a formação de futuros profissionais do campo da docência. O projeto de intervenção teve como objetivo geral ampliar o universo de percepção e experimentação das crianças por meio das *Cirandas de roda*, brincadeiras antigas e interações entre as crianças-crianças e crianças-adultos; objetivou também proporcionar autonomia e o resgate da cultura brasileira por meio da arte/educação em suas diversas linguagens.

Este projeto foi fruto de observações, estudos e análise crítica sobre o papel das brincadeiras no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Para dar suporte teórico a este Relato nos apoiamos em Borba (2009), Moura (2009), Mosca (2009), Sleiman (2016), dentre outros.

Assim, neste texto apresentamos reflexões acerca da experiência do estágio, nas quais, ocorreram diferentes situações que contribuíram para a nossa aprendizagem e formação docente.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A sistemática do estágio perpassou por várias etapas no decorrer de seu desenvolvimento ao longo de um ano. No primeiro semestre de 2017, em seu primeiro momento iniciou-se com estudos e discussões no Câmpus da universidade para a orientação e conhecimentos prévios necessários, para um olhar atento e sensível às crianças e as propostas



ofertadas pela escola campo.

No segundo momento, através de sorteio e constantes indagações entre professora orientadora e acadêmicas cada dupla / trio de estágio observou os agrupamentos denominados berçário, maternal e pré-escola, com duas vivências em cada um, para que todas tivessem a oportunidade de conhecer as especificidades de cada agrupamento. Apesar dos princípios e fundamentos serem os mesmos, um professor de educação infantil deve compreender as especificidades do trabalho tanto com os bebês quanto com crianças de cinco anos de idade.

Foi proposta, nesta fase de observação, a realização de registros em relação ao que é definido pelas DCNEI e o que é desenvolvido para as crianças matriculadas na instituição observada; estes foram entregues a professora orientadora para a análise e correção; a fase final foi à elaboração de um relatório que objetivou sistematizar as ações e reflexões desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado I.

Através de outro sorteio foi estabelecido o agrupamento definitivo: a pré-escola I, com 26 crianças matriculadas, com idade entre 3 anos e meio a 4 anos de idade, para mais duas vivências e no próximo semestre o desenvolvimento do Projeto de Intervenção.

No segundo semestre de 2017, retomaram-se os estudos e orientações para a elaboração do Projeto de Intervenção, de acordo com o que foi pré-estabelecido no primeiro semestre entre professora orientadora e as acadêmicas. Foram realizados mais encontros para observação, com o intuito de perceber quais mudanças o grupo teve durante o tempo que ficamos afastadas do campo. Durante todo período de observação notamos a necessidade em se trabalhar a autonomia, o letramento, o lúdico e principalmente o resgate da cultura popular através das brincadeiras de quintal; atentamos que as crianças gostavam das brincadeiras e brinquedos do mercado capitalista e a pouca interação entra elas. Após esse processo iniciamos a elaboração do projeto e seu posterior desenvolvimento com o agrupamento destinado.

Nesta fase, além da elaboração de planos diários que eram feitos a partir do Projeto de Intervenção, também realizamos registros escritos, fotográficos e audiovisuais, sempre com um olhar atento para atender as necessidades e especificidades das crianças, bem como análise entre o que foi projetado e concretizado com o grupo no qual ficamos responsável.

Neste contexto o registro tem importante função, uma vez que segundo Lopes (2009)



registrar a prática não é apenas escrever sobre ela, é na realidade, uma narrativa, um relato, é a reflexão, o planejar e avaliar, documentação, a história, as memórias, o conhecimento, como “meio e fim, processo e produto” (LOPES, 2009, p.41). Nesse sentido, o registro implica valores inestimáveis, entendendo-o como “leitura da realidade e reflexão” (LOPES, 2009).

A culminância do processo de Estágio Supervisionado é sistematizada com a realização de uma Mostra de Curtas, que completou em 2017, sua oitava edição, na UEG – Câmpus Inhumas. Um dos objetivos é “proporcionar aos estagiários ampliar o olhar a luz dos fundamentos da área, para continuar o processo de questionar e inquietar o vivido” (Santos *et al*, 2015, p.32894).

Partindo dessa premissa, o estágio que adota uma perspectiva de pesquisa permite a ampliar e analisar o contexto em que se realiza; possibilita aos estagiários à postura e as habilidades de pesquisadores, uma formação fundamentada, sedimentada em uma relação dialógica entre teoria e prática. A tendência defendida e adotada pelo Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas é a perspectiva de formação de profissionais da educação *intelectuais, críticos reflexivos* (PIMENTA; LIMA, 2005/2006).

Acrescentamos a importância da denominada escola campo para esse momento de estágio, uma vez que por meio dela compreendemos o encontro de diversas experiências, levando em consideração que cada instituição possui princípios específicos, regras, crenças e valores para a organização de seu cotidiano. Em concordância, Lima ao falar da relação entre ambas às instituições afirma “é o movimento de aproximação de duas instituições de ensino, cada uma trazendo valores, objetivos imediatos, cultura, relações de poder diferentes, com o objetivo de realizarem um trabalho comum: a formação de professores” (LIMA, 2008, p.198).

Salientamos ainda a necessidade da parceria entre a universidade e escola campo, que permite aprendizagens para a construção da identidade profissional docente e a compreensão do processo educacional. Entre estes dois campos se encontra o estagiário, no qual cabe a ele fazer com que este processo seja um passo significativo para a construção de sua identidade profissional docente e do processo educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A escolha do tema do Projeto de Intervenção se deu em virtude de duas experiências: a oportunidade de vivenciarmos uma oficina denominada de *Ciranda de quintais*, oferecida na *Escola Casa Verde* que tem como uma das idealizadoras, a pedagoga Elaine Almeida Sleiman, retratava as brincadeiras de quintais e as cirandas; e a outra foi atender os interesses e necessidades das crianças do agrupamento no qual ficamos responsáveis no estágio. A motivação principal da Oficina e do Projeto foi conscientizar que as crianças têm o direito de terem e viverem a infância em sua plenitude por meio de brincadeiras partilhadas nas interações. Uma vez que a criança é sujeito de direitos, sócio-histórico, cultural e único; no qual se deve respeitar e valorizar a individualidade/subjetividade de cada sujeito, considerando o desenvolvimento e aprendizagem de acordo com cada ritmo, partindo de uma reflexão sistematizada, que leva em consideração os interesses e necessidades das crianças (FARIA; DIAS, 2007)

Partindo dessa premissa, notou-se a necessidade de trabalhar com as crianças a interação e a autonomia por meio das múltiplas linguagens; essa proposta levou as crianças a fazerem descobertas e construir novos conhecimentos do mundo à sua volta, possibilitou interações entre elas e os adultos, por meio de novos significados, conhecimentos e funções sociais e culturais. Como se observa abaixo,

Em relação à interação entre as crianças que não havia, durante as manhãs de intervenções, aos poucos fomos observando a maior interação entre eles, conversando mais entre si, buscando ficar/ brincar/ sentar próximos aos colegas que desejavam, além de serem estimulados a resolverem os desentendimentos entre si ou negociarem e argumentarem seus desejos com os demais colegas, sempre supervisionados pelas estagiárias. (Reavaliando o dia, 16/10/2017).

Também obtivemos avanços quanto à autonomia das crianças,

Outro avanço em relação às crianças, foi a autonomia em alguns momentos específicos, como: ao chegaram na sala, procuravam aos adultos onde deveriam sentar, nos primeiros dias, quando perguntavam “Tia, onde eu vou sentar?” e as estagiárias respondiam: “aonde você quiser!” Elas ficavam perdidas, com o decorrer das intervenções, eles chegavam em sala e sozinhos escolhiam seus lugares. Sempre quando chegavam, eram solicitados para tirar os agasalhos e trocar os sapatos por chinelas, mesmo que as crianças não concordassem com isso, observamos que não nos últimos encontros, pediam para ficar com os agasalhos e assim continuavam como um exemplo no último encontro, uma das garotas pediu: “Tia, eu quero ficar assim (de agasalho e sandália!)” a



estagiária respondeu: “Tudo bem!”, a educadora responsável questionou a criança: “De agasalho? Pode ir tirar agora!”, a criança respondeu: “Mas eu quero ficar assim!”, com a ajuda da estagiária presente, falando com a educadora, ela permitiu que assim ela ficasse mostrando a autonomia de negociar e expor seus desejos e sentimentos (Reavaliando o dia, 16/10/2017).

Todos esses avanços foram observados gradativamente, ao longo do desenvolvimento do projeto, através das propostas levadas pelas estagiárias para trabalhar com o agrupamento pré-escola I. Assim, com resgate da cultura popular brasileira por meio de brincadeiras, músicas e danças, as propostas em rodas e em cirandas foram utilizadas; justificando essa escolha, Sleman divide a ciranda em três ideias principais:

Ciranda é uma brincadeira coletiva onde se canta, se dança, se expressa e se aprende a ser um no todo e a ter o todo em si.

A ciranda, enquanto ideia de consciência planetária, as mãos em torno da terra para que possamos protegê-la com a nossa força de união, o som de nossos valores e o encantamento de nosso sorriso.

A ciranda como linguagem da cultura brasileira, tem a sua origem nas danças circulares que estão presentes tanto na formação de diversos e diferentes povos, quanto em nossas matrizes étnicas indígenas, europeias e africanas. (2016, p.6)

Para dançar a ciranda deve-se estar de mãos dadas com demais companheiros e de pés descalços, deixando o corpo fluir tomados pela roda, ciranda é uma dança circular imitando o movimento das ondas, do pulsar, da vida, sem limites para o número de pessoas (VOLPATO, 2009, apud MOSCA, 2009, p.9). Sendo assim, um dispositivo fundamental para os objetivos do projeto.

As músicas foram extremamente importantes para o desenvolvimento do projeto; um dos principais meios para apresentar a cultura popular, trabalhando ritmos diversos do Brasil, como Baião (música Baile da Amarelinha da Trupe Trupé), Seresta (música Rainha do Balanço da Trupe Trupé), Jongo e Batuque de Umbigada (música Menino quadrado da Trupe Trupé); além das músicas do grupo Palavra Cantada para alongar/ despertar as crianças após o café da manhã; observamos que as crianças não conheciam a maioria das músicas, mas gostavam e participavam das propostas que trazíamos a cada encontro

Adoraram a música “Sai preguiça” do grupo Palavra Cantada para alongar e despertar, com a participação de todas as crianças, sem exceção: dançando, participando, sorrindo, e fazendo a coreografia proposta pelas estagiárias, e pediram para que repetissem a



música (Reavaliando o dia, 18/09/2017).

A princípio, as músicas não agradaram as crianças, por não terem contato com tais ritmos, como exemplo, nos primeiros encontros uma das crianças sempre questionava as músicas que estavam sendo tocadas no som durante a recepção das crianças ou durante as propostas elaboradas, “afirmando: “Eu não gosto dessas músicas, eu gosto é de funk! E eu só danço Funk!” Sempre fazia alguns passos, para nos afrontar. Escutávamos a criança e sempre afirmávamos: “ Tudo bem! Mas hoje vamos escutar essa para brincarmos! ” (Reavaliando o dia, 16/10/2017). A medida que o projeto foi sendo desenvolvido e as crianças foram se habituando aos novos ritmos, a criança parou de fazer os questionamentos e participava com entusiasmo dançando e se divertindo com todas as músicas tocadas.

O mesmo foi em relação ao letrar e brincar na Educação Infantil, como processos imbricados e indissociáveis, uma vez que se brinca letrando e letra brincando. Nessa perspectiva, o letramento é mais que a habilidade de ler e escrever (CASTANHEIRA; GREEN; DIXON, 2007; HEATH, 1983; SOARES, 1999; STREET, 1984; apud NEVES, CASTANHEIRA, GOUVÊA, 2015 p.219), “e deve ser compreendido como prática social que envolve os sujeitos nos diversos usos dos símbolos gráficos, desenhos e palavras escritas” (KRESS, 1997 apud NEVES, CASTANHEIRA, GOUVÊA, 2015 p.219). O letrar vai além do ler e escrever, pois tem caráter social, para a compreensão da cultura onde o sujeito está inserido, mostrando que a aprendizagem está diretamente envolvida em seu cotidiano, e cabe ao educador expandir esses conhecimentos para além dos muros do CMEI, e por meio do interesse da criança, para que o ler e escrever faça sentido para ela.

Neste sentido, o agrupamento pré-escola I teve a oportunidade de expandir seus conhecimentos por meio de dois livros literários trabalhados ao longo do projeto, intitulados como: “Chora não, Mané!” e “ Rainha do Balanço”, ambos de Elaine A. Sleiman do programa “Cirandas de quintais”; além de brincadeiras diversas que trabalhavam com a escrita, como: brincadeiras de ler, brincadeiras de palavras, brincadeiras de encenar e brincar com as letras (LEAL; SILVA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este trabalho foi de grande relevância para a formação acadêmica, pois a teoria estudada na Universidade foi aliada a prática em sala de aula, comprovando que a teoria e prática são indissociáveis. Houve a possibilidade de vivenciar experiências diversas para o preparo da futura profissão. O estágio contribui de forma significativa, oportunizando experiências excepcionais e maravilhosas, o qual mostrou a fundo e com clareza, por meio de estudos, reflexões e vivências quais são os princípios e fundamentos da Educação Infantil, que passou a ser considerada a primeira etapa da educação básica.

Quando propomos o projeto “Cirandas de alegrias” tínhamos consciência que este continha à essência do que entendemos sobre o papel do “brincar” na educação infantil; exploramos o seu poder, o poder do lúdico para trabalhar com e para as crianças do agrupamento pré-escola I, com plena convicção que por meio dele estaríamos materializando o que entendemos como uma pedagogia da e para a infância. Foi por meio do lúdico e das brincadeiras que as crianças perderam o medo, a timidez, a insegurança, e assim, demonstravam o interesse pelas vivências do projeto.

Para a atuação do estágio houve um preparo teórico aprofundado, além disso, a confiança e segurança para desenvolver o projeto. Percebeu-se um resultado satisfatório, pois os objetivos foram alcançados, onde as crianças interagiram e aprenderam por meio das brincadeiras.

Portanto, Esperamos que este Relato sensibilize educadores e pais sobre a importância do resgate da cultura, das brincadeiras dos quintais vividas no passado; este resgate é uma forma de proporcionar um encontro de almas, de significados, de conhecimentos, de mãos, de amor, de respeito para com as crianças e adultos, uma vez que ambos aprendemos simultaneamente ao longo deste período.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Inhumas, por propiciar um ambiente crítico, pesquisador e reflexivo na e para nossa formação acadêmica. Ao CMEI Moreira Hortência de Paula - Vó fia por nos permitir vivenciar uma etapa de suma importância para nossa formação profissional, no qual foi dado as oportunidades ver, sentir e



participar de um futuro campo de trabalho. Às professoras Maria Arnalda e Brenda, pela receptividade, apoio, conselhos e participação em nosso projeto. As nossas professoras orientadoras Lindalva e Silvana, por compartilhar seus conhecimentos e experiências conosco, pela paciência, ensinamentos, motivação e toda ajuda prestada durante o percurso do Estágio. E a nossa madrinha Elaine Sleiman por ter nos dado as mãos nesse projeto, nos inspirado e incentivado.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Adilson de. O espaço-tempo da fala na educação: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: ROCHA, Eloisa A.C; KRAMER, Sonia. **Educação Infantil**-enfoques e diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2013.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira e HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiencia de cultura. In: CORSINO, Patricia (org.). **Educação Infantil** – cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores e Associados, 2009.

FARIA, Vitória Líbia Barreto; DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles. **Currículo na educação infantil**: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. São Paulo: Scipione, 2007.

LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexsandro. Brincando as crianças aprender a falar e a pensar sobre a língua. In: **Ler e escrever na Educação Infantil**: Discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v.8, n.23, p.195-205, jan/abr. 2008.

LOPES, Amanda Cristina Teagno. **Sobre registro**. In: _____. **Educação Infantil e registro de práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

MOSCA, Maristela de Oliveira. Como se forma brincadeira de roda: A ciranda da ludopoiese para uma educação musical humanescente. Rio grande do SUL: UFRN, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14388>.

MOURA, Maria Tereza Jaguaribe. A brincadeira como encontro de todas as artes. In: CORSINO, Patricia (org.). **Educação Infantil** – cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores e Associados, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Oliveira, MARANHÃO, Damaris, ABBUD, Ieda. Um campo de disputa. In: **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poésis



-Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

SANTOS, Lindalva Pessoni; *et al.* Mostra de Curtas da Educação infantil: Uma forma de registrar e ressignificar as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado. EDUCERE: 2015. p. 32888 a 32898.

SLEIMAN, Elaine Almeida. **No cesto do mestre tem:** livro do educador. São Paulo: Ed. do Autor, 2016.